

A AMBIGUIDADE RACIAL NA POESIA DE JORGE DE LIMA

Carlos Magno Gomes⁴

RESUMO: este ensaio faz uma análise da forma ambígua como as representações afro-brasileiras são retomadas na poesia de Jorge de Lima. Seus textos optam por um olhar que ora comemora a democracia racial, ora faz uma reflexão sobre as consequências da opressão do sistema patriarcal nordestino. Essa ambiguidade fica mais exposta quando ele representa a imagem da mulher negra como um corpo submisso em oposição ao pessimismo da imagem do negro trabalhador. Tais construções identitárias traduzem uma visão histórica catastrófica da colonização e da modernização do Brasil. Partindo dessa problemática, este ensaio propõe uma leitura revisionista dessas representações a partir das teorias pós-coloniais de Homi Bhabha, Stuart Hall e Edward Said.

Palavras-chave: corpo submisso, representação de personagens negras, Jorge de Lima

ABSTRACT: This essay analyzes the ambiguity in which the african-brazilian representations are retaken in the poetry of Jorge de Lima. In his texts, it can be identified a celebration of racial democracy, and a reflection on the consequences of the northeastern patriarchal system oppression as well. This ambiguity is highlighted when he represents the image of the black woman as a submissive body in opposition to the pessimistic view of the black worker. These identity constructions reflect a catastrophic historical view of Brazilian colonization and modernization. Along this paper, it is proposed a revisionist reading of these representations, taking as a starting point the postcolonial theories of Homi Bhabha, Stuart Hall and Edward Said.

KEYWORDS: submissive body, representation of black people, Jorge de Lima.

A poesia de Jorge de Lima apresenta um olhar ambíguo quando contextualiza o processo histórico de colonização e exploração da raça negra. Seus poemas, ora associam a identidade afro-brasileira à opressão do colonizador, ora ao imaginário pitoresco das festas folclóricas e regionais. Partindo dessa dualidade, este ensaio analisa as diferentes representações do negro na poesia modernista de Jorge de Lima a partir de um olhar comparatista proposto pelas teorias pós-coloniais. Metodologicamente, usam-se conceitos de identidade e de colonização propostos por Stuart Hall, Homi Bhabha e Edward Said. Dessa forma, partimos da hipótese que Jorge de Lima se preocupa com os problemas impostos pela modernização do Brasil, quando retoma as tensões raciais por meio de um olhar folclórico.

⁴ Professor doutor da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: calmag@bol.com.br

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

Nesse sentido, a literatura pode ser explorada como um espaço de reflexão e de revisão histórica da representação do negro na cultura brasileira. Tal abordagem pode renovar o olhar sobre as relações de poder entre o colonizador e o colonizado e adentrar pelo processo de modernização do Brasil. Além disso, esse enfoque valoriza uma leitura dinâmica e polissêmica do texto literário, pois é contrário a “unilinearidade” dos modelos tradicionais de leitura e da noção transparente de comunicação, pois o “sentido sempre possui várias camadas, de que ele é sempre multirreferencial” (HALL, 2003, p. 354).

Então, nas análises de revisão histórica da representação dos excluídos, devemos priorizar a questão de “como” os discursos políticos estão representados, pois o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade. O processo de interpretação em destaque relaciona o texto lido a suas heranças culturais, visto que as representações sociais são formas de produção dos ícones e símbolos, dos mitos e metáforas por meio dos quais o homem vive sua própria cultura (BHABHA, 1996, p. 36).

Dentro dos estudos sobre a história do negro na literatura brasileira, Eduardo Duarte identifica os escritores politicamente preocupados com as questões etnicorraciais e traça um panorama para comprovar o quanto a representação do negro está repleta da ideologia dominante. Por exemplo, ele mostra que de Gregório de Matos a Jorge Amado, a mulata é representada como um objeto sexual estéril e quase sempre “reduzida a signo cujo sentido permanece prisioneiro de um discurso em que racismo e sexismo se emparelham” (DUARTE, 2010, p. 25).

No caso de Jorge de Lima, destacamos que as representações do negro estão relacionadas ao regionalismo que valoriza a diferença cultural do Nordeste arcaico em oposição ao estilo vanguardista dos modernistas paulistas. Liderado por Gilberto Freyre, o Manifesto Regionalista de 1926 lança a proposta da valorização da cultura nordestina como um resgate da identidade nacional, visto que os modernistas paulistas não tinham descoberto a riqueza da cultura nordestina. Jorge de Lima é um dos artistas que adere ao projeto de explorar o regionalismo literário.

Dentro dessa proposta, em 1928, esse autor lança seu famoso “Essa Negra Fulô”, poema que valoriza o espaço regional onde as heranças da colonização e da escravidão se misturam. Seguindo essa perspectiva, ele publica *Poemas negros* (1948), obra que

destaca a colonização e o processo de escravidão do negro. Com essa obra, ele retoma algumas preocupações estéticas e ideológicas do regionalismo, ao valorizar a cultura afro-brasileira como uma das mais influentes da identidade regional, todavia subordinada aos desmandos da casa-grande.

Nessa obra, Jorge de Lima constrói poemas regionalistas em que, ora o corpo do negro é visto como um símbolo de opressão, ora como parte da modernização excludente. Tais poemas partem de um ângulo histórico da representação do corpo escravizado, passam pela valorização do pitoresco da cultura religiosa para chegar à consciência catastrófica do abandono social a que a raça negra foi submetida.

Assim, Jorge de Lima representa os impasses da colonização de diferentes ângulos ideológicos, sem deixar de problematizar as tensões raciais entre brancos e negros. A ambiguidade dessas representações é marcante, pois o negro é descrito tanto por comentários pitorescos, como por um olhar que registra a violência da escravidão. Tais constatações só são possíveis por uma leitura revisora que parta de um processo contínuo de significação ideológica, que está sempre significando e ressignificando em um processo sem fim (HALL, 2003, p. 362).

Dentro dessa estratégia de leitura, analisamos as questões etnicorraciais de sua poesia por um olhar que destotaliza as representações historicamente impostas para retomá-las “dentro de um referencial alternativo” (HALL, 2003, p. 402). Esse processo interpretativo também reconhece que nas representações artísticas e culturais, mesmo havendo liberdade individual, há discursos já circunscritos e socialmente regulados coletivamente (SAID, 1995, p. 120). Assim, o texto de Jorge de Lima está sendo visto como parte da cultura regional da qual ele faz parte.

Dessa forma, a identidade do negro, em seus poemas regionalistas, está associada à dualidade da modernização, pois ela registra uma tensão entre a cultura local e a colonizadora sem deixar de lado a barbárie da escravidão e seus fantasmas. Nesse sentido, a representação do negro revela uma consciência politizada que tanto reforça os valores impostos pela brutalidade da dominação, como questiona o exótico como um lugar de otimismo social. Assim, a representação do negro traduz não só o folclórico,

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

mas deixa pistas da culpa e do incômodo do poeta ao descrever corpos oprimidos pelas condições social e sexual.

No conflito entre o colonizador e o colonizado, a identidade está sempre *rasurada*, visto que a identidade do opressor necessita do oprimido para se instaurar nas relações de poder. Dessa forma, a identidade do negro não pode ser lida sem a opressão do colonizador. Daí a importância do conceito de identidade cultural se opor a um ‘eu’ coletivo que garanta um pertencimento cultural, pois além de fragmentada e fraturada, a identidade é “construída multiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2000, p. 108).

Ora, a identidade do negro, nos poemas de Jorge de Lima, atravessa a do colonizador e não pode ser vista fora desse território. Nesse sentido, tais identidades surgem da narrativização do branco, e do processo de pertencimento imaginário, que negocia com suas rotas e raízes, por isso “em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático” (HALL, 2000, p. 109). Esse campo fantasmático pode ser identificado nos textos selecionados por se tratar de um poeta pertencente ao grupo dominante que tenta descrever o outro de raça tanto nos poemas mais folclóricos, como nos que relevam o conflito entre as raças.

Outra reflexão importante acerca da relação entre identidade e cultura é dada por Homi Bhabha, que elege a revisão cultural como uma prática consciente do crítico preocupado em rever as identidades silenciadas pelo processo modernizador. Bhabha prega que a “diversidade cultural” é “uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (BHABHA, 1998, p. 63).

Assim, a identidade racial que este trabalho questiona é a fruto da “identidade coletiva” e propõe uma leitura da identidade racial que passa do colonizador para o colonizado, uma vez que a utopia da democracia racial não será levada em conta nesta análise. Tal forma de leitura aproxima-se do olhar revisionista proposto pelos estudos pós-coloniais que se opõem à crítica tradicional e sua proposta de “manter o subordinado como subordinado, o inferior como inferior” (SAID, 1995, p. 120).

Assim, exploramos uma leitura interdisciplinar que requer sempre uma tradução, um descentramento do/a leitor(a) para identificar as tensões políticas vividas por negros e brancos. Isso porque traduzir é deslocante e traiçoeiro, pois a essência do original não é reforçada e sim simulada, reproduzida, transferida, transformada, ou tornada um simulacro (BHABHA, 1996, p. 36). Nesse rumo, a representação do negro será lida a partir das especificidades ideológicas subjacentes ao texto literário e ao processo de revisão do passado. Portanto, parte-se de uma “noção política” de identidades “desiguais, não uniformes, múltiplas e *potencialmente antagônicas*” para ressaltarmos a forma como a representação etnicorracial foi construída (BHABHA, 1996, p. 35).

Por esse viés, o lugar do negro, na poesia de Jorge de Lima, apresenta uma dualidade que tanto repete a condição de subordinado como também deixa marcas para uma reflexão sobre tal condição. Nesse sentido, cabe trazer para o debate as reflexões de Antonio Candido sobre as questões políticas que sustentam o regionalismo literário. Para esse crítico, o escritor pode reproduzir as ideologias dominantes quando apresenta a “consciência amena do atraso”, pois valoriza a visão de um país novo com saídas futuras (CANDIDO, 2000, p. 141).

Já o escritor regionalista ciente dos problemas locais preocupa-se com a “consciência catastrófica do atraso”, pois seus textos estão empenhados em retratar uma visão de um país subdesenvolvido, marcado pelas desigualdades e confrontos de classes (CANDIDO, 2000, p. 141). Mesmo que de forma sutil, Jorge de Lima também descreve o conflito modernizador entre a cultura afro-brasileira e as imposições do colonizador, quando narra cenas de tortura como formas de disciplinar o negro. Nessa perspectiva, a barbárie cantada de forma festiva em alguns poemas deixa pistas da visão do atraso cultural nordestino pregada por àqueles que acreditam no mito da democracia racial.

Na obra de Jorge de Lima, a herança do sistema escravocrata está contextualizada em pequenos poemas que traçam um painel da mistura de raças e do processo de colonização. Sua poesia constrói imagens do negro silenciado quando registra a voz abafada e agônica dos escravos comunicando-se com seus deuses. Esse painel assinala o sofrimento do negro desde sua captura na África ao processo de

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

domestificação em terras brasileiras. Tal olhar histórico está descrito por cenas de perversidade no poema “História”. Tal reflexão é possível porque essas representações podem ser questionadas, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105).

Numa narrativa que assinala o sofrimento da mulher negra, esse poema registra o início da relação de subordinação imposta à africana sequestrada de sua terra natal. Embora a tensão textual não questione as contradições próprias da sociedade escravocrata, seus significantes apresentam espaços para novas interpretações, quando registra a barbárie desnuda e anuncia a exploração da negra como um objeto sexual.

História

Era princesa.

Um libata a adquiriu por um caco de espelho.

Veio encangada para o litoral,

arrastada pelos comboieiros.

Peça muito boa: não faltava um dente
e era mais bonita que qualquer inglesa.

No tombadilho o capitão deflorou-a.

Em nagô elevou a voz para Oxalá.

Pôs-se a coçar-se porque ele não ouviu.

Navio guerreiro? não; navio tumbeiro.

A Sinhá mandou arrebentar-lhe os dentes:

Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga,
avança na branca e me vinga.

Exu escangalha ela, amofina ela,

amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,

sou só uma mulher perdida neste mundão.

Neste mundão.

Louvido seja Oxalá.

Para sempre seja louvado.

(LIMA, 1997, p. 298-9).

Em “História”, a violência está presente no trajeto da África ao Brasil. A mulher é explorada tanto por sua mão de obra como por seu corpo. Todavia, a relação entre o colonizador e a colonizada não é pacífica. A mulher grita e busca vingança. Dessa forma, o silêncio da negra é rompido pelos gritos de um povo que busca o apoio do sobrenatural para suportar a opressão da modernização. Tal desejo de salvação revela-se por meio de superstições, crenças, e costumes, numa atmosfera cheia da fala popular afro-brasileira.

Para Gilberto Freyre, a plasticidade local é o ponto máximo da poesia regional de Jorge de Lima que valoriza o espaço local a partir das fronteiras entre a casa grande, a igreja e o sobrado e a “tradições amadurecidas, nas terras de massapê do Nordeste” (FREYRE, 1997, p. 93). Mesmo com essa condição amena, as imagens regionais são importantes para uma revisão da representação do negro, uma vez que não macaqueiam a história e registram as marcas da violência da escravidão.

Retomando a tese da dualidade dessa representação, cabe destacar que em “História”, a consciência do pitoresco prevalece, pelo emprego do vocabulário e dos elementos religiosos afro-brasileiros. Com essa linguagem, o olhar exótico e místico da cultura negra é usado tematicamente para sustentar os impasses causados pelo choque entre a africana e o colonizador. Dessa forma, apesar de uma narrativa histórica, esse poema mantém as contradições culturais ao reproduzir a culpa do colonizador de um lugar invisível, aqui identificado como parte de uma “consciência amena” do texto literário.

Mesmo com uma imagem pitoresca da mulher negra, o poema “História” revela uma posição ideológica que apresenta o desconforto do autor ao descrever a violência contra a mulher. Assim, os elementos das múltiplas violências corporais e morais impostas à princesa negra funcionam como subtextos políticos que acrescentam um toque de desconfiança acerca da tão comemorada democracia racial brasileira, pois não disfarçam que a dominação e o convívio entre o colonizador e os colonizados não foram nada pacíficos.

O caráter crítico da poesia regionalista de Jorge de Lima está na exigência de renovação da linguagem literária enquanto preserva as tradições orais locais, pois sua poesia modernista, como visto no poema “História”, vitaliza as tradições que nasceram nos engenhos de cana-de-açúcar e constrói uma identidade negra que faz parte da barbárie. Como um poeta preocupado com a cultura local, Jorge de Lima recupera fontes próprias da oralidade, evitando que elas pereçam, privilegiando os elementos mestiços: “seu verbo de poeta se torna carnalmente mestiços quando fala de ‘democracia’ de ‘comidas’ de ‘nosso Senhor do Bonfim’” (FREYRE, 1997, p. 93).

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

Outro aspecto importante é o fato de sua poesia apresentar aspectos híbridos do contexto cultural afro-brasileiro e dos valores da tradição popular. Esses aspectos resgatam formas, temas, motivos e, até mesmo, fatos da língua popular especificamente do afro-brasileiro escravizado. Assim, mesmo que de forma amena, sua escrita faz uma crítica à modernidade, quando recupera a tradição local pelo olhar do colonizador por descrever tais perversidades pelo prisma do regionalismo. Com isso, podemos dizer que a representação do negro é híbrida, já que nos remete ao campo da tradução ideológica. Tais representações são sempre traiçoeiras e a essência do original não é reforçada, mas sim simulada e transferida. Nunca o original se conclui ou se completa em si mesmo (BHABHA, 1996, p. 36). O estupro e a surra que a negra sofre denunciam a violência que sustentou as relações entre brancos e negros nos engenhos e na Casa Grande.

Em “Essa Negra Fulô”, Jorge de Lima já tinha dado pistas dessa violência só que por um olhar bem mais pitoresco. Nesse poema, com o intuito de mostrar como a negra negocia seu corpo dentro do engenho, ele apresenta uma versão folclórica das tensões entre o senhor e a escrava. Esse poema traz rastros de um olhar exótico da escravidão no Brasil, pela valorização da picardia e do pitoresco ao descrever a malandragem da mulher afro-brasileira pelo olhar exótico da sexualidade:

Ó Fulô? Ó Fulô?
cadê meu lenço de rendas
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhó me mandou?
Ah! foi você que roubou.
Ah! foi você que roubou.
.....
Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?
(LIMA, 1997, p. 255).

Tal descrição *amena* da condição da negra pode ser identificada quando o poema descreve por um olhar humorístico a democracia racial. Outro aspecto dessa amenidade pode ser observado na descrição das atitudes sexuais de Fulô, que passa a ser sujeito quando age com o corpo desejado pelo colonizador. Aqui se repete o mito da mulher que seduz por sua beleza e exotismo erótico. Tal comportamento sexual funciona como um

“salvo-conduto”, uma forma de transitar livremente pelos espaços da Casa-grande. Mas, para tal concessão, Fulô paga um novo preço por sua condição de subordinada, é desmoralizada socialmente, já que está retratada, ora como uma ladra, ora como uma “mulher fácil”.

Por essa perspectiva, a identidade de Fulô está reproduzida pelo olhar do colonizador, que repete a história sem uma revisão do lugar da fala do negro, já que se trata de um olhar disciplinador. Além do mais, o caráter pitoresco do episódio de Fulô também está no fato de suas atitudes não serem vistas como uma resistência ao sistema opressor, nem à moral da cultura colonizadora. Com isso, as peripécias de Fulô reforçam a *consciência amena* projetada no texto, porque ela é mais uma negra que tenta conquistar a atenção da casa grande. Assim, o subtexto da homogeneização cultural pode ser ressaltado pelo tom humorístico usado para descrever as atitudes transgressivas de Fulô, ou pelo caráter exótico de sua sexualidade. Fora isso, percebe-se que a coerção é sugerida como uma consequência do processo educacional, pois só a força pode controlar o comportamento amoral de Fulô.

Tais imagens da escrava repetem uma versão histórica menos politizada que estética, pois há o predomínio, culturalmente, de um tom folclórico e colorido da “diversidade étnica democrática”. Quanto à forma, o poema de Fulô está composto de versos curtos, com um ritmo que se aproxima de ritmos musicais afro-brasileiros. A oralidade local está presente na forma como o texto se desdobra, usando a técnica dos “contos de trancoso”, narrativas que apresentam personagens que levam vantagem socialmente por meios ilícitos, mas que são descobertos pelo sistema. O riso é uma das características desses contos. Tal representação cômica está presente quando explora a sexualidade como sedução. Isso ocorre quando o poema narra a forma como a negra seduz o “sinhô” para não apanhar: “de dentro dele pulou/nuinha a negra Fulô” (LIMA, 1997, p. 255). Tal descrição se mantém fiel à visão pitoresca da colonização.

Como visto até aqui, o regionalismo literário de Jorge de Lima privilegia o passado cultural da região. Esse encontro com um passado ora se mostra festivo, ora se mostra envergonhado com a representação do corpo colonizado da negra. Assim, embora tenham sido destacados poemas que apresentam a *consciência amena*, a poesia

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

regionalista de Jorge de Lima também reproduz uma crítica cultural da situação do negro diante da modernização em “Olá Negro”. Esse poema explora as tensões impostas pela colonização, visto que o pitoresco dá espaço uma visão pessimista da modernização.

Da obra *Poemas negros*, “Olá negro” é o texto que melhor denuncia a *consciência catastrófica* de Jorge de Lima. Mesmo sabendo que não se trata de uma poesia em que o negro é um sujeito atuante, ressalta-se o formato bem estruturado do texto e sua postura crítica diante da história e cultura dos afro-brasileiros. Esse tom de revisão está presente quando o poeta, ao nomear o negro como “proletário bom!”, expõe a omissão da cultura ocidental, que se apropria dos bens culturais dos africanos, sem recompensá-los. Assim, o processo de luta contra a escravidão e a barbárie, sofridas pelos africanos em terras americanas, fica registrado em versos longos que reproduzem lamento culpado.

Olá negro

Negro que foste para o algodão de U.S.A.
ou que foste para os canaviais do Brasil,
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer
para que os canaviais possam dar mais doçura à alma humana?

Olá, Negro!
Negro, ó antigo proletário sem perdão,
proletário bom!
blues,
Jazzes.
songs,
lundus
Olá, Negro! O dia está nascendo!
O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo.
(LIMA, 1997, p. 315-17).

Esse poema está dividido em três fases da história da escravidão do povo africano: o passado, o presente de uma falsa liberdade social e, como consequência, um futuro sem saídas. Tal reflexão se mostra contrário à falsa democracia racial pregada pelas elites hegemônicas do Brasil. O texto parte de uma cobrança do passado para mitificar a musicalidade como um discurso identitário da cultura afro-brasileira. Os ritmos musicais, *jazzes* e *blues*, estão relacionados com a ideia de “salvo-conduto” imposto pelo sistema colonizador. Assim, Jorge de Lima desvincula-se do pitoresco, que mascara a tensão, enquanto opta pela superação da democracia racial. “Olá negro” aponta aspectos da

complexidade do atraso cultural e da luta pela sobrevivência histórica dos africanos no continente americano.

Entre os diferentes enfoques desse texto, destaca-se seu empenho em denunciar o processo de coerção sofrido pela etnia negra até quando aponta a decadência dos valores do colonizador: “A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!”. Nota-se, sobretudo, uma posição de desconforto e incômodo do eu lírico na indefinição do presente que traduz o conflito racial: “Olá, Negro! O dia está nascendo!/O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?”. Assim, esse poema apresenta um questionamento identitário próprio da “diferença cultural”, pois a representação do afro-brasileiro “incorpora uma posição inquieta e revisionária que transforma o presente em um lugar de experiência e aquisição de poder”. (BHABHA, 1998, p. 23). Diferentes dos textos anteriores, a identidade do negro está rasurada pelos conflitos da modernização ao expor o incômodo do eu lírico diante da opressão.

Cabe destacar que a identidade do afro-brasileiro em “Olá Negro” problematiza o processo colonizador ao construir a imagem vazia do homem branco. Conforme ensina Antonio Candido, o homem letrado tem o papel de “dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão” (CANDIDO, 2000, p. 178). Assim, Jorge de Lima mescla reflexões sociais à narrativa histórico-cultural dos afro-brasileiros e preocupa-se com uma pragmática cultural que resgata a história para se posicionar contrário ao processo de modernização imposto ao africano e seus descendentes. Além disso, apresenta uma visão questionadora da identidade racial, pois propõe uma lógica interpretativa na qual “reconhecemos o político como uma forma de cálculo e ação estratégica dedicada à transformação social” (BHABHA, 1998, p. 48).

Dessa forma, o poema “Olá negro” distancia-se da identidade submissa do afro-brasileiro para falar de um local menos comprometido ideologicamente com a cultural hegemônica. Por conseguinte, essa forma de interpretação proposta neste artigo resgata o passado cultural do negro por meio da valorização da alteridade para posicioná-lo numa atualidade flexível. Tal processo de ressignificação acontece quando a leitura é feita a partir da identificação “com” e “através” do outro representado no texto, isto é, “um

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (BHABHA, 1996, p. 37).

Se levarmos em conta o incômodo do eu lírico como uma referência de texto politizado, a construção da identidade negra é apresentada como uma alteridade silenciada e como um incômodo social, já que o texto traz marcas da falta de inclusão social para o afro-brasileiro no processo de modernização da sociedade. Como visto até aqui, essas deduções só são possíveis por meio de uma interpretação que valorize as questões ideológicas propostas pela crítica pós-colonial.

A consciência crítica de “Olá negro” também se manifesta numa posição contrária à forma como a identidade do negro foi representada na poesia romântica brasileira, aspecto muito usado pelo modernismo brasileiro. Isso ocorre nos versos em que Jorge de Lima contesta as atitudes literárias dos românticos: “os poetas, os libertadores, os que derramaram/ babosas torrentes da falsa piedade”. Entre os poetas implicitamente citados, destaca-se Castro Alves com seu “Navio Negreiro”, um poema grandiloquente para os abolicionistas. Com tal oposição estética, “Olá negro” propõe reflexões sobre a construção cultural da identidade do negro, e, portanto, apresenta elementos de uma literatura empenhada com as mudanças do processo social.

Portanto, este trabalho reconhece no processo de revisão da representação do negro na literatura e na cultura brasileira, devemos reconhecer que os significados e símbolos não sejam lidos de forma fixas, pois precisamos nos apropriar dos signos para que possam ser “traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo” (BHABHA, 1998, p. 68). Entre o silêncio e a denúncia da situação do negro, “Olá Negro” apresenta uma literatura politizada que contextualiza a identidade do negro sem o auxílio do discurso pitoresco ou folclórico, quando opta pela ironia e por um humor sarcástico.

Dessa forma, a representação do negro na poesia de Jorge de Lima transita da visão folclórica, em poemas como “História” e “Essa negra Fulô” para chegar ao incômodo crítico do escritor branco em “Olá negro”. Daí destaca-se a ambigüidade entre o olhar pitoresco e a visão catastrófica dessa representação. Portanto, seus poemas não só descrevem as imagens alegres e folclóricas do imaginário do negro na literatura, como também problematizam a barbárie do processo de modernização do Brasil.

Assim, ao identificar as tensões etnicorraciais que reconhecem a violência do processo de colonização, a revisão da história da representação dos afro-brasileiros pode identificar “a discriminação racial” como parte do projeto de modernização do país e da valorização do regionalismo. Então, com este modelo de leitura, temos a oportunidade de alargar os horizontes interpretativos dos textos e fugir da “comunidade interpretativa” (HALL, 2003, p. 379) que aprisiona o afro-brasileiro ao lugar de submissão, instalando novos sentidos.

Portanto, Jorge de Lima coloca em tensão a identidade negra sem deixar de lado uma narrativa exótica da escravidão. Isso fica mais visível quando ele deixa a dúvida como uma consequência do mito da democracia racial brasileira. Para finalizar, deixamos duas sugestões para fugirmos dos estereótipos e das ambiguidades raciais presentes na literatura brasileira: em primeiro lugar, ampliar o debate em torno de obras de autores afro-brasileiros críticos como: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, o conto “Pai contra filho”, de Machado de Assis, e o conto “Duzu Querença”, de Conceição Evaristo; em segundo, ler os textos escritos pelos afro-brasileiros engajados com a luta interracial. Esses novos autores agregam novas figurações do afro-brasileiro questionando o discurso do colonizador (DUARTE, 2010, p. 36).

Referências

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. In *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional*, nº 24. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford, 1996, p. 35-41.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et alli. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

DUARTE, Eduardo. “Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. In Duarte, Constância et al. *Falas do Outro – literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010, p. 24-37.

FREYRE, Gilberto. “Poemas Negros”. In LIMA, Jorge. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima

HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Gaurdia Resende et alli. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LIMA, Jorge. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottamn, São Paulo: Companhia das letras. 1995.